



ARTE E BELEZA NA ESTÉTICA MEDIEVAL

de Umberto Eco. Rio de Janeiro: Editora Record, 2010. 351p.

Resenha | por Luiz Cláudio Bittencourt

Professor Doutor | Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
Av. Eng. Luiz Edmundo Corrijo Coube, 14-01, Vargem Limpa, 17033-360,
Bauru, SP, Brasil
civitas-campinas@uol.com.br

Escritor prodigioso, Umberto Eco está presente no universo da arte e da arquitetura, oferece esse texto dos anos 1950 traduzido agora para o Brasil através da editora Record.

É obra significativa para os interessados na compreensão dos valores estéticos da arquitetura e urbanismo do colonizador durante os primeiros séculos, momento em que, apesar do Renascimento, Maneirismo e Barroco, a tradição ainda sinaliza para sobrevivências da cultura medieval na colônia, principalmente onde a presença do Estado é tênue.

A obra coloca-se entre as principais referências sobre o tema da arquitetura gótica pontuada pelas grandes basílicas, constructo do sentido de beleza do espaço religioso e suas implicações urbanísticas diante do modelo da cidade medieval que já encontra com seus limites formais e funcionais.

Texto relativamente áspero, diante das obras ficcionais do autor, conjugando citações em latim ao correr da leitura, além de cobrar o mínimo de repertório filosófico clássico, metafísico e hermético. Ainda adverte para atualizações e reparos em relação à publicação de 1959 com destaque para o inédito capítulo 12 “Depois da Escolástica”.

De saída, alerta sobre a estrutura do texto: “trata-se de compêndio histórico” sobre estética a partir da literatura artística do longo período medieval, tomando como núcleo sua etapa final com o pensamento de “Tomás de Aquino”.

Do ponto de vista histórico, vale destacar as colocações instigantes de permanências e rupturas em relação às teorias e as percepções, assim como as ponderações vindas do semiólogo, que enriquecem leituras do sentido de beleza medieval, aguçando

tradicionais visões sobre luz, cor e proporção presentes nas catedrais, e refinando diferenças sutis entre símbolo e alegoria com precisão específica para o período em foco.

Está claro que o referencial sobre a estética não é a leitura arquitetônica — como no caso de Panofsky (1991), nem a leitura histórica como Le Goff (1989), mas a literatura artística, sobretudo os filósofos, porém transposições e associações são inevitáveis e sinalizadas pelo autor.

Aspecto caro aos arquitetos é a autoria da obra nesse amplo período anterior ao caso paradigmático da cúpula de Santa Maria das Flores de Filippo Brunelleschi, o texto deixa claro essa dificuldade minimizada no campo da literatura em que evidencia duas obras largamente conhecidas pela cultura latina medieval, o “Roman de La Rose” de autoria controversa e “Tratado do Amor Cortês” de André Capelão. “É verdade que, enquanto o miniaturista é, geralmente, um monge, e o mestre pedreiro, um artesão ligado à corporação, o poeta do novo tipo é quase sempre um artista áulico, ligado à vida aristocrática, tido em grande consideração pelo senhor junto ao qual vive” (p.240).

O belo filtrado pela Igreja e Deus é amor de “Diotima de Mantinea”, transcende a matéria e a forma porque antes é bom, dilema enfrentado pelo aristotelismo de Tomás de Aquino, galgando o pensamento de Aurélio Agostinho para os esboços nascentes de beleza renascentista.

Arte e beleza na estética medieval de Umberto Eco pode ser adicionada à bibliografia básica e complementar dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, juntamente com outras referências aqui indicadas.

REFERÊNCIAS

LE GOFF, J. *Os intelectuais na Idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PANOFSKY, E. *Arquitetura gótica e escolástica*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.



| BIEL_CABELIN